

Manchetes e Discursos: A Construção da Mulher Assassina na Mídia¹

Tacyane Grebos²

Ricardo Melo³

Glória Rabay⁴

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este estudo busca compreender como a figura da mulher acusada de assassinato é representada nas manchetes jornalísticas, a partir da análise de matérias sobre crimes cometidos por mulheres dentro de um relacionamento. Com base em Jewkes (2004) e Bourdieu (2022), adota-se a noção de transgressão feminina e de violência simbólica. A pesquisa utiliza a Análise do Discurso materialista, segundo Orlandi (2020), para investigar de que forma a mídia constrói sentidos que reforçam estereótipos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso; jornalismo; manchete; mulher criminosa; violência simbólica.

INTRODUÇÃO

Quando uma mulher comete um assassinato, a mídia produz uma versão de tal acontecimento como uma informação. A figura da “mulher assassina” provoca espanto social por representar, como aponta Jewkes (2004), uma transgressão dupla: da lei penal e daquilo que se espera do “natural” comportamento feminino. Nesse cenário, o discurso midiático tende a reduzir a complexidade dos casos e reforçar estereótipos de gênero.

As manchetes, em especial, desempenham um papel importante na produção de sentidos, pois sintetizam e orientam a leitura dos fatos, podendo tanto evidenciar a violência sofrida pela mulher quanto ocultá-la. Nesse contexto, a representação da “mulher criminosa” emerge como objeto de problematização, evidenciando formas de violência simbólica (Bourdieu, 2022) que operam em uma dimensão mais ampla. Diante disso, surge a questão: como funciona a produção de sentido nas manchetes? Esta

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: tacyanegrebos@gmail.com.

³ Mestrando em Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: dermeval.ricardo@ufpe.br

⁴ Orientadora. Prof. Dra. do Dep. de Jornalismo da UFPB. Prof. do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, email: gloria.rabay@gmail.com

pesquisa propõe analisar o funcionamento da seleção discursiva presente nas manchetes jornalísticas, observando como as escolhas linguísticas revelam (ou ocultam) aspectos fundamentais sobre a violência e sobre a figura da mulher quando ela ocupa o lugar de acusada.

METODOLOGIA

Para entender como a mídia produz sentidos, emprega-se a Análise do Discurso (AD) materialista, que analisa a palavra em movimento, como prática de linguagem, buscando-se “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2020, p. 13). O sujeito é interpelado ideologicamente, dominado pela Formação Ideológica (FI) enquanto conjunto de atitudes e representações que fornecem a evidência do sentido (Pêcheux, 2014). A Formação Discursiva (FD), por sua vez, é um componente da FI, definindo-se como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. É a FD, logo, que determina o sentido das palavras, termos e expressões, a partir do já-dito que constitui o interdiscurso.

Um total de 20 matérias datadas de 2024 foram selecionadas do portal G1 a partir da pesquisa do termo “mulher mata”, enumeradas arbitrariamente. Dois grupos foram construídos: A e B. O primeiro diz respeito àquelas matérias que contém o enunciado indicativo da violência contra a mulher em sua manchete. Já o segundo abrange as matérias que não possuem tais enunciados. Este, por sua vez, foi dividido em dois subgrupos, B1 e B2, sendo, respectivamente, o primeiro aquele que abrange as matérias que contém os enunciados indicativos no corpo do texto - o eixo intradiscursivo - e o segundo abrangendo aquelas que não contém, sendo, portanto, descartado. Restaram, então, nove matérias.

Assim ficou a sistematização das manchetes: A) (1): Mulher mata marido a facadas após ser ameaçada de morte em Itapura (2): Mulher mata companheiro a facadas para se defender de agressões em Resende (15): Mulher é presa suspeita de matar homem durante briga em Cabedelo; ela afirmou à polícia que sofria violência doméstica B1) (3): Após discussão, mulher mata companheiro a facadas em Dores do Indaiá (10): Após suspeita de traição, mulher mata o próprio marido no Amazonas (11): Mulher mata o próprio marido após discussão por suposta traição (12): Mulher mata companheiro com facada

no peito durante briga, diz polícia (14): Mulher é suspeita de matar marido a golpes de faca após discussão, em João Pessoa (19): Mulher é presa após matar o próprio companheiro a facadas no sul do Maranhão.

ANÁLISE

A análise se divide em três momentos: I. análise de A; II. análise de B1; e III. análise comparativa. Cada momento tem como objetivo compreender o funcionamento discursivo das manchetes jornalísticas nos casos de assassinatos cometidos por mulheres. Considera-se, para tais fins, que a manchete, ou título de matéria, é um enunciado que está em relação de paráfrase com outros enunciados que compõem o intradiscurso da matéria a partir de procedimentos de seleção e exclusão. Desse modo, pressupõe-se que não pode haver, na manchete, elementos que já não existam materializados no intradiscurso.

Ambos os grupos identificados aqui são constituídos, primeiramente, pelo enunciado constituído pelo sintagma verbal (SV) “mulher mata” acompanhado de um sintagma nominal (SN) que se refere à vítima do assassinato. Tal sintagma varia de designação: “(o próprio) marido/companheiro/homem”, com a regularidade dos dois primeiros. São designações comuns aos lugares sociais ocupados por homens inscritos em relações íntimas no padrão cisheteronormativo. Nas matérias 14, 15 e 19 o enunciado regular não se manifesta da mesma forma, mas com outros SV nos quais há os elementos “é suspeita” e “é presa” que liga o SN “mulher” ao verbo “matar”. Em síntese, enquanto enunciado, entendemos que “mulher mata” está em relação de paráfrase entre as manchetes. Trata-se do primeiro elemento fixo.

Com a exceção das matérias 7, 10, 11 e 15, todas as manchetes possuem o “modo” do assassinato, isto é, como a ação foi executada: “a facadas”, “com facada” e “a golpes de faca”. Enquanto o SV diz respeito à ação do acontecimento que dá à notícia sua “razão de ser” e, portanto, regular, entendemos que o SN que representa o modo não é um elemento fixo, mas seletivo, dado a sua ausência em algumas manchetes. O mesmo acontece com o lugar onde se deu o acontecimento, que ocorre em todas com a exceção das matérias 7, 11 e 12.

O próximo elemento, de ordem seletiva, é o que podemos chamar provisoriamente de “circunstância” do acontecimento, isto é, aquilo que responde “em que contexto” se

deu o fato, abrangendo situações imediatas, como uma briga, e situações que não se reduzem ao imediato, como a violência contra a mulher. Dentro do corpus, apenas a matéria 19 carece de tal elemento. Entretanto, outras matérias que compunham o arquivo e que foram excluídas do corpus também careciam de tal elemento, o que implica numa interpretação particular de que, apesar de regular, não é um elemento fixo. Além disso, a categoria de circunstância recobre dois funcionamentos diferentes. Em poucas palavras, o primeiro funcionamento diz respeito ao efeito discursivo de explicação, sustentada por um funcionamento ideológico-argumentativo; já o segundo se reduz um efeito discursivo que traduz as relações de tempo e espaço do acontecimento, reduzindo-se ao aspecto imediato.

Tais são as sequências do primeiro tipo de funcionamento: (1) após ser ameaçada de morte; (2) para se defender de agressões; (10) Após suspeita de traição; (11) após discussão por suposta traição; (15) ela afirmou à polícia que sofria violência doméstica. Já no segundo funcionamento da circunstância temos os seguintes elementos regulares: (3, 11 e 14) após discussão; além de (12) durante briga. Entende-se que tais elementos são restritos ao “aqui e agora” do acontecimento.

A primeira observação que se deve constatar é que todas as sequências do grupo A (1, 2 e 15) possuem o elemento circunstância com esse tipo de funcionamento. Isso não surpreende, porém, uma vez que a motivação da divisão é a presença/ausência da violência contra a mulher na manchete das notícias e, conseqüentemente, sua relação com o fato não é, necessariamente, da ordem do imediato. Já as sequências do grupo B1 (10 e 11) dizem respeito à questão da traição como possível motivador.

A segunda observação diz respeito ao funcionamento ideológico-argumentativo do efeito de explicação: baseando-se na concepção discursiva da argumentação de Orlandi (2023), entende-se que a argumentação é estruturada ideologicamente. A argumentação, assim concebida, diz respeito à posição-sujeito que está, ao mesmo tempo que é materializada no eixo da formulação, em relação de embate com o não-dito, a posição-sujeito possível, mas não materializada/significada. A primeira posição-sujeito que se demarca aqui é aquela que indica a violência contra a mulher, o que corresponde às matérias 1, 2 e 15. Uma possível interpretação de tais sequências aponta para a relação pergunta-resposta da seguinte forma: por que a mulher matou o homem? Tendo como

respostas i) ser ameaçada de morte; ii) se defender de agressões; iii) sofrer violência doméstica. Entretanto, no grupo B1, a resposta se resume à traição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise pode-se compreender que a manchete, enquanto prática discursiva, mobiliza uma relação parafrástica para com o intradiscurso textual a partir de uma combinatória sintática e de seleção. Aqui, a problemática recai na presença/ausência dos enunciados indicativos da violência contra a mulher e quando ausente, está sobreposto por outros elementos. Assim, o funcionamento do discurso jornalístico analisado indica duas produções de diferentes de sentido: 1) a mulher matou por causa de algo não imediato, sendo este algo a violência doméstica ou a traição; e 2) a mulher matou em decorrência do imediato, como briga/discussão.

Cabe ressaltar que os enunciados indicativos de violência estão presente em todas as matérias analisadas e, desse modo, “intradiscursivamente disponíveis”. Logo, entende-se que a FD jornalística analisada possui dois funcionamentos, um de apresentar a violência, e o outro de recobri-la. Fica em suspenso, porém, se trata-se de duas FDs diferentes, algo que apenas uma análise mais robusta pode responder.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. London: SAGE Publications, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Argumentação e Análise de Discurso: conceitos e análises**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.